

ENTRE CÉUS E INFÂNCIAS: MINÚCIAS DO COTIDIANO EM UM ATELIÊ DE PIPAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Sales Rêgo ¹
Taynara Silva Gonçalves Libânio ²
Eliana Simões Sampaio Ramon ³

RESUMO

Este relato de experiência descreve e analisa a realização de um ateliê de pipas realizado com crianças de 5 anos da Educação Infantil, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Alfabetização da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). A proposta surgiu do desejo de explorar o brincar como linguagem de expressão estética, cultural e afetiva, inspirada nas “minúcias do cotidiano” descritas por Altino José Martins Filho (2013), que valorizam o olhar sensível para gestos, silêncios, curiosidades e invenções que atravessam o dia a dia das crianças. O ateliê aconteceu em um espaço aberto de uma escola pública periférica, onde as crianças puderam escolher cores, colar papéis, amarrar fitas e experimentar a construção de suas próprias pipas. As pibidianas e a professora supervisora atuaram como mediadoras atentas, incentivando o protagonismo infantil e registrando as interações por meio de fotos e vídeos. Durante o processo, observaram-se momentos de intensa colaboração, troca de saberes e narrativas que conectaram memórias familiares, referências culturais e descobertas individuais. Mais do que um produto final, a pipa tornou-se símbolo de autoria, liberdade e imaginação, atravessando fronteiras entre chão e céu, entre o aqui e o que está por vir, ou seja, articulando vivências concretas com horizontes de possibilidades próprias da infância. A experiência revelou a potência de propostas simples, porém carregadas de significado, para a formação estética, ética e cultural das crianças. O PIBID Educação Infantil, ao possibilitar a imersão das licenciandas no cotidiano escolar, favoreceu a construção de um olhar sensível e crítico sobre a prática docente, reforçando a importância da escuta, da observação e da mediação intencional. Este relato, portanto, celebra o encontro entre universidade e escola, entre pibidianas, professora supervisora e crianças, costurando, como nas pipas, fios de saberes, afetos e aprendizagens que se elevam com o vento.

Palavras-chave: Educação infantil, PIBID, ludicidade, cultura infantil, formação docente.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, sales.amanda@aluno.ufr.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, taynara.goncalves@aluno.ufr.edu.br;

³ Mestranda pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW) - RS, eliana.sramon@gmail.com;



INTRODUÇÃO

O brincar na Educação Infantil é reconhecido hoje como um dispositivo essencial de expressão simbólica, estética e cultural, possibilitando que as crianças explorem o mundo a partir de suas próprias formas de inventar sentidos. Embora, com frequência, seja encarado como momento de recreação ou intervalo, o brincar, quando intencionalmente mediado em contextos educativos, pode revelar dimensões profundas da infância, mobilizando sentidos, memórias, imaginação e criatividade.

Essa proposição dialoga com o pensamento de Altino José Martins Filho, que enfatiza a importância de se atentar às minúcias do cotidiano, gestos, silêncios, invenções sutis que atravessam o exercício da docência, como componentes fundamentais do que ele denomina “fazer-fazendo” da prática educativa. Sua tese *Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil* busca demonstrar como esses detalhes que muitas vezes passam despercebidos são constituintes da trama pedagógica da prática profissional.

Em seu artigo “A vida cotidiana na Educação Infantil: da ação reflexiva às minúcias da prática educativa”, ele respalda a ideia de que a docência sensível se constrói na atenção a esses registros sutis do dia a dia escolar.

Por sua vez, o marco legal educacional também confere ao brincar papel estruturante. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) inscrita nas diretrizes brasileiras, reconhece o brincar como direito das crianças e como eixo organizador das práticas pedagógicas, o que reforça a necessidade de experiências educativas que valorizem a linguagem artística, a corporeidade, o simbólico e o lúdico. Esse reconhecimento normativo amplia o desafio de articular práticas que não apenas permitam o brincar, mas que o incorporem de maneira intencional, estética e formativa no cotidiano escolar.

Entretanto, apesar dessas normativas e de discursos favoráveis, persistem lacunas nas formações iniciais de professores. A presença da estética e da arte nos currículos de Pedagogia é frequentemente periférica ou ausente. No artigo “*Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas ...*”, Ostetto (2018) problematiza essa ausência e defende que a





formação docente deve mobilizar saberes sensíveis, além dos conteúdos técnicos, para formar professores capazes de escutar, observar e inovar.

Em “*Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se!*”, Ostetto e Silva ressaltam que o contexto atual exige que professores experimentem, escutem mais, falem menos, e revisem suas práticas à luz da sensibilidade estética. Essas contribuições ajudam a fundamentar a proposta de tratar o ateliê de pipas como prática estética e formativa na Educação Infantil.

Ademais, estudos sobre arte e prática pedagógica no contexto infantil sustentam a ideia de que experiências artísticas são caminhos potentes para desenvolver a sensibilidade docente. Por exemplo, no artigo “*A arte na Educação Infantil: possibilidades formativas no estágio de docência*”, Levandowski (2021) discute como o contato com a arte durante a formação docente pode promover reflexões sobre linguagens expressivas no contexto da criança. Em outros casos, investigações sobre trabalho docente na infância apontam a necessidade de reconfigurar a docência como uma prática que se constitui também no olhar, no sensível e no estético.

Inserido nesse debate, o presente relato de experiência propõe o *ateliê de pipas* como prática estética-formativa em Educação Infantil, envolvendo a mediação entre pibidianas e crianças em contexto escolar. A investigação central indaga: de que maneira o brincar como linguagem estética, por meio do ateliê de pipas, pode contribuir para a formação docente e para um olhar sensível sobre as infâncias? Para orientar essa empreitada, são estabelecidos os objetivos de: (i) descrever a proposta do ateliê de pipas como prática pedagógica estética e simbólica; (ii) analisar os sentidos que as crianças atribuem ao processo criativo e à brincadeira; (iii) refletir sobre os aprendizagens e transformações das pibidianas ao mediar essa proposta.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência formativo, desenvolvido no âmbito do subprojeto PIBID Educação Infantil da Universidade Federal de Rondonópolis. A intervenção ocorreu no primeiro semestre de 2025, em uma escola pública municipal





periférica de Rondonópolis (MT), com uma turma de Educação Infantil composta por 21 crianças de 5 anos.

Participaram da atividade quatro pibidianas e a professora supervisora (também regente da turma). A proposta do ateliê de pipas foi realizada durante o horário de recreio no parque da escola, com duração de aproximadamente uma hora. O espaço foi preparado esteticamente:

mesas ao ar livre com disposição convidativa dos materiais (tesouras, cola, papéis coloridos, barbantes, canetinhas), de modo a estimular a criatividade e a autoria infantil.

Durante a vivência, foram coletados registros visuais (fotografias e filmagens) e anotações no diário de campo da professora supervisora, registrando gestos, falas, decisões e interações consideradas significativas. A análise dos dados adota um caráter qualitativo e interpretativo, centrado na descrição de episódios marcantes, na interpretação gestual e simbólica das interações e na articulação desses achados com os referenciais teóricos.

Para dar suporte teórico à leitura dos dados, mobilizam-se principalmente os estudos de Altino José Martins Filho sobre minúcias do cotidiano e docência sensível (Martins Filho, 2013; 2015) e as contribuições de Luciana Ostetto em relação à formação estética docente, arte e sensibilidade (Ostetto, 2018; Ostetto, 2019; Ostetto, 2021). Também incorpora-se o artigo “*Sobre formação estética e docência: as professoras de Educação Infantil desejam mais arte!*” (Corrêa & Ostetto, 2018), que problematiza a ausência da dimensão estética na formação docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Minúcias do cotidiano e docência sensível

Altino José Martins Filho, em sua tese *Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil* (2013), destaca que a prática docente no cotidiano é constituída por gestos pequenos, decisões sutis e escolhas invisíveis que compõem o “fazer-fazendo” da docência. Ele defende que reconhecer essas minúcias é essencial para uma docência reflexiva e sensível (Martins Filho, 2013).





Em artigo posterior, “*A vida cotidiana na Educação Infantil: da ação reflexiva às minúcias da prática educativa*” (2015), ele reforça essa perspectiva ao analisar como professores percebem e interpretam essas nuances no processo educativo (Martins Filho, 2015). Essa lente teórica dá base para que uma prática como o ateliê de pipas possa ser lida como uma forma de sensibilização docente, ao mobilizar atenção ao detalhe, à escolha dos materiais, à expressão individual.

Arte, estética e formação docente

A discussão sobre a presença da arte e do estético na formação inicial de professores é amplamente tratada por Luciana Ostetto. Em “*Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se!*”, ela argumenta que a formação docente precisa incluir propor experiências artísticas, experimentação e escuta sensível, para que os futuros professores desenvolvam repertórios estéticos e uma postura de observação refinada (Ostetto; Silva, s.d.)

No artigo “*Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas ...*”, Ostetto reafirma que embora a legislação (como a BNCC) preveja arte no currículo, na prática a formação muitas vezes falha em incluir saberes estéticos de modo articulado e comprometido (Ostetto, 2018).

Em “*Narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente*”, ela traz relatos de professoras que descrevem seus percursos estéticos e desafios de integrar arte e docência (Ostetto, 2021). Essa discussão sustenta a relevância do ateliê de pipas como espaço formativo estético para as pibidianas.

Brincar, cultura infantil e linguagem estética

Embora não tenha encontrado um autor que trate exatamente “ateliê de pipas” com esse enfoque, é possível dialogar com pesquisas sobre ludicidade, cultura infantil e estética no brincar. Em trabalhos sobre arte e prática pedagógica na Educação Infantil, Ostetto (2024) aponta que atividades artísticas e lúdicas nas escolas abrem espaços de expressão simbólica para as crianças e reafirmam sua autoria (Ostetto, 2024).





Também é possível articular com o campo da arte-educação e com os estudos sobre estética e formação docente, como no texto “*Sobre formação estética e docência*”, de Corrêa (2018), que defende que os professores expressem em suas práticas vozes estético-culturais e que seus percursos pessoais alimentem uma formação com sensibilidade (Corrêa, 2018)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, os achados da experiência são organizados em três categorias analíticas, com discussão embasada em evidências visuais e teóricas.

A estética do gesto: processos criativos sensíveis

Observou-se que as crianças manifestaram escolhas estéticas desde o momento da seleção dos papéis, das cores e do design da pipa. Algumas optaram por composições monocromáticas, outras por contrastes vibrantes; algumas improvisaram recortes ou rasgos deliberados, outras seguiram padrões geométricos simples. Esses gestos expressam sensibilidade, invenção e singularidade no ato de criar.

O olhar atento às minúcias do cotidiano (Martins Filho, 2013) ajuda a reconhecer que tais escolhas não são meramente triviais, são aspectos constituintes do “fazer-fazendo” da infância e da mediação docente. Esses detalhes revelam como as crianças se apropriam do material e do espaço para expressar subjetividades. No contexto formativo, as pibidianas relataram em seus diários que perceber esses gestos refinou seu olhar sobre o que é significativo, não apenas o produto final, mas os processos silenciosos da criação.

Brincar e pertencimento: memória, cultura e afetividade

Durante a atividade, algumas crianças mencionaram memórias familiares ligadas à pipa: “meu pai empina pipas”, “vi uma pipa igual no campo da minha casa”, articulando o fazer do presente escolar com histórias pessoais e culturais. Esses relatos indicam que a pipa, enquanto objeto cultural, evoca pertencimento, vínculos afetivos e simbolismos comunitários.





Essa dimensão cultural do brincar dialoga com a noção de infância como produção simbólica e memória vivida. Em “*Sobre formação estética e docência*”, Corrêa & Ostetto destacam que professoras manifestam desejo por uma formação estética-cultural que valorize trajetórias pessoais e simbólicas no contexto pedagógico (Corrêa; Ostetto, 2018). O ateliê de pipas revelou-se espaço de confluência entre a expressão estética e o pertencimento cultural das crianças.

Formação em movimento: a mediação estética e o olhar docente

As pibidianas relataram que atuar como mediadoras nesse ateliê exigiu mais escuta e presença do que intervenções diretivas. Elas notaram que às vezes bastava silêncio ou espera para que as crianças encontrassem soluções próprias. Uma delas escreveu que “o desafio foi frear o impulso de corrigir logo e permitir que a pipa tomasse forma pelo desejo da criança”.

Essa postura reflete a proposta de uma formação docente sensível que não impõe trajetórias, mas acompanha o movimento das infâncias. Ostetto (2021) e outros estudos sobre formação estética docente revelam que ocasiões de criação artística na formação inicial favorecem o surgimento de percepções mais nuançadas e a valorização da subjetividade do educador. Nesse sentido, o ateliê funcionou como vivência que tensiona a dicotomia entre condução e permissão, entre planejamento e escuta, ampliando o imaginário docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do ateliê de pipas demonstrou que práticas aparentemente simples e lúdicas podem assumir caráter formativo profundo quando mediadas com atenção estética e sensível. As crianças não só construíram pipas, elas expressaram escolhas simbólicas, conectaram-se a memórias culturais e manifestaram autoria no ato de criar. Para as pibidianas, a experiência representou uma abertura de olhar: compreender que muitos ensinamentos emergem dos silêncios, das pausas e das minúcias da criação.

Em termos de contribuição empírica, esse relato sugere que inserir ateliês estéticos no cotidiano escolar pode favorecer uma docência mais atenta, respeitosa e criativa, sobretudo





em contextos de escola pública. Para a comunidade científica, o trabalho reforça a relevância de investigações que cruzem estética, infância e formação, estimulando estudos adicionais que explorem diferentes objetos lúdicos (pipas, jogos, experimentos artísticos).

Como limitações, cabe reconhecer que se trata de uma vivência pontual, com um grupo restrito e sem acompanhamento longitudinal. Futuros estudos poderiam acompanhar o efeito dessas práticas estéticas ao longo do tempo, comparar propostas entre escolas diversas ou articular a participação de famílias e comunidade no processo estético-afetivo das crianças.

O vento empinando pipas pode ser lido como metáfora de esperança: permitirá que a educação, como as infâncias, alce voo, se tivermos ousadia para criar contextos que acolham, escutem e celebrem suas vozes.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 out. 2025.

Corrêa, F.; Ostetto, L. E. Sobre formação estética e docência: as professoras de Educação Infantil desejam mais arte! **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 40, p. 12-29, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/6788945.pdf>. Acesso em: 11 out. 2025.

Levandowski, G. A arte na Educação Infantil: possibilidades formativas no estágio de docência. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 36, n. 115, p. 179-198, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1935/193567258077/html/>. Acesso em: 11 out. 2025.

Martins Filho, A. J. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72780>. Acesso em: 11 out. 2025.

Martins Filho, A. J. A vida cotidiana na Educação Infantil: da ação reflexiva às minúcias da prática educativa. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Cáceres, v. 5, n. 1, p. 111-126, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/download/9687/5926/29943>. Acesso em: 11 out. 2025.





Ostetto, L. E. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas.... **Revista Educação e Linguagem**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 45-58, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4701>. Acesso em: 11 out. 2025.

Ostetto, L. E.; Silva, G. D. B. Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se! **Poiésis**, Niterói, v. 12, n. 21, p. 185-203, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327027302_ARTE_NA_FORMACAO_DOCENTE_PARA_A_EDUCACAO_INFANTIL_PROCURA-SE. Acesso em: 11 out. 2025.

Ostetto, L. E. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **GEArte – Revista do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p.

1-17, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/download/117514/63987>. Acesso em: 11 out. 2025.

